

RESENHA

HARTOG, François (org). *A História de Homero a Santo Agostinho*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 2001

Temístocles Américo Corrêa César¹

Portanto, assim deve ser para mim o historiador: sem medo, incorruptível, livre, amigo da franqueza e da verdade; como diz o poeta cômico, alguém que chame os figos de figos e a gamela de gamela; alguém que não admita nem omita nada por ódio ou por amizade; que a ninguém poupe, nem respeite, nem humilhe; que seja juiz equânime, benevolente com todos até o ponto de não dar a um mais que o devido; estrangeiro nos livros, apátrida, autônomo, sem rei, não se preocupando com o que achará este ou aquele, mas dizendo o que se passou.

Esta orientação teórico-metodológica, esta introdução aos estudos históricos, embora tenha semelhança com o postulado estabelecido por Ranke no século XIX, aquele que instruiu o historiador a “mostrar como algo realmente aconteceu” (*wie es eigentlich gewesen*²), não pertence, no entanto, ao grande historiador alemão. Nem a W. Humboldt, ou a G. Monod, e muito menos a Langlois e Seignobos³. Esta passagem é uma criação antiga, cuja data remonta ao ano 165 de nossa era, e foi escrita por Luciano de Samósata (119-175 d.C.), autor de numerosos tratados (diálogos, panfletos e sátiras), e da “única obra sobre a história que nos chegou da Antiguidade!”, explica François Hartog, na introdução que faz à coletânea, da qual também é o organizador e comentador, *A história de Homero a Santo Agostinho*⁴.

A raridade de textos dedicados exclusivamente à história não torna, no entanto, impossível de se delinear “uma genealogia do conceito antigo de história”⁵. Com essa finalidade, Hartog, reuniu um conjunto de escritos históricos para através deles procurar entender como seus autores conceberam sua tarefa e apresentaram suas obras: “Quem fala, para quem, como e por quê? Mas também: *como se escreveu a história?*”. A interrogação tem o objetivo de lembrar “que tudo não se deu de uma só vez, com Heródoto e Tucídides, mas que, na construção continuada dessa tradição de escrita, foram feitas certas escolhas, produziram-se ‘esquecimentos’, deslocamentos e também reformulações”, quer dizer, “de Heródoto a Luciano e a Santo Agostinho, passando por Cícero e Tito Lívio, a mesma palavra não designou sempre a mesma mercadoria”⁶.

A História de Homero a Santo Agostinho, resultado de estudos e discussões realizadas por François Hartog no seu seminário, dedicado à *Historiografia Antiga e Moderna*, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* em Paris, procura, portanto, através de prefácios (“na verdade, nem todos os prefácios, nem só prefácios”⁷) de obras desses autores antigos, gregos e romanos, apresentando além da tradução, os textos originais, em grego e latim, refletir sobre as proximidades e afastamentos da história enquanto discurso específico de outros gêneros literários tais como a filosofia, a poesia, a oratória ou a teologia.

Aos prefácios sucedem-se os apurados comentários de François Hartog sobre noções e conceitos centrais à análise da escrita histórica. Assim, em Homero e Hesíodo, cujos textos compõem o primeiro capítulo intitulado “Antes da história”, ele chama a atenção para a presença da *musa*, do *hístora* e do *aedo*, enquanto figuras importantes à fundamentação do saber histórico.

Em Demócrito, Hecateu de Mileto, Pausânias e, sobretudo, em Heródoto, prefácios do segundo capítulo nomeado de “A operação historiográfica”, são identificadas marcas e estruturas profundas que organizam a narrativa histórica, tais como: *eu escrevo/grápho*: “eu, Hecateu,

¹ Professor do Departamento de História e PPG em História, IFCH/UFRGS.

E-mail: tcezar@orion.ufrgs.br

² RANKE, L. von. «Geschichten der romanischen und germanischen Völker von 1494 bis 1514» (1824), in *Sämmtliche Werke*, vol. 33-34, p. VII.

³ HUMBOLDT, W. von. *La tâche de l'historien* (1821), Lille: Presses Universitaires de Lille, 1985; MONOD, G. «Du progrès des sciences historiques en France depuis le XVI siècle», in *Revue Historique*, n° 1, 1876, t. I, pp. 36-38. LANGLOIS, Ch.-V./SEIGNOBOS, Ch. *Introduction aux études historiques* (1898), Paris: Kimé, 1992.

⁴ HARTOG, François (org). *A história de Homero a Santo Agostinho*, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001. Traduzido para o português por Jacyntho Lins Brandão, p. 9.

⁵ Idem, p. 10.

⁶ Ibid.

⁷ Ibid.

escrevo (...)”⁸; *investigação/história: investigação*, Heródoto “fará dela a palavra-chave de todo seu empreendimento”, *história*, formada a partir do verbo *historeîn*, derivada de *hîstor* (o que remete etimologicamente a *ideîn*, “ver”, e a (w)*oida*, “saber”): “de Heródoto de Halicarnasso, eis a exposição de sua *historíe*: expressas no genitivo, essas primeiras palavras valem como uma assinatura inaugural daquele que vem apresentar em público, em seu próprio nome, sua pesquisa.”⁹; *significar/semaínein*: “se Heródoto *historeî*, quer dizer que também *semaínei*, isto é: *significa*”¹⁰; e enfim o par antônimo e assimétrico *gregos/bárbaros*: “o historiador ‘vê’, deve ver dos ‘dois’ lados e deve utilizar um princípio de seleção”¹¹, resume Hartog.

Tucídides, que abre o terceiro capítulo “A história entre o presente e passado”, é aquele que impõe a essa primeira *operação historiográfica* grega uma “ruptura instauradora” por meio de sua *História da Guerra do Peloponeso*: não, não é possível se fazer história “científica” do passado, e *autópsia*, núcleo central, o “coração” segundo Hartog¹², da epistemologia tucidiana tenderia a confirmar essa perspectiva *presentista*. No entanto, o prefácio de Tucídides “ao mesmo tempo que se esforça em demonstrar que não se pode escrever uma história verdadeira da Grécia arcaica, vem a ser a tentativa mais bem acabada de propor algo neste sentido”¹³. Nesse mesmo capítulo, encontramos ainda a resposta de Xenofonte a Tucídides; textos de Isócrates, que marcam o momento em que a historiografia se transforma em retórica, e que embora se considerasse um filósofo, foi tomado pela tradição não apenas como um historiador, mas um mestre “nefasto” da história; e a apresentação que Dionísio de Halicarnasso fez do historiador Teopompo, discípulo, segundo Cícero, do próprio Isócrates.

“Do *geral* ao *comum*, a questão da história universal”, tema do quarto capítulo, retoma às considerações de Aristóteles sobre as relações e distinções entre a poesia e história desenvolvidas na *Poética*: “o historiador e o poeta não diferem por falar em metros ou sem eles, mas diferem nisto: do dizer um o que aconteceu, o outro o que poderia acontecer”¹⁴. Segue-se ao texto do estagirita a resposta que Políbio lhe endereça com o objetivo de “demonstrar a superioridade da história sobre a tragédia”¹⁵, que acaba por se constituir também na primeira formulação de uma história universal. Ainda no campo deste gênero de história, são recuperados o projeto de uma “geografia universal” de Estrabão, bem como a perspectiva de uma história universal de Diodoro da Sicília, através da sua *Biblioteca Histórica*: espécie de “síntese histórica”, ou um “livro único que engloba (e deveria substituir) os outros livros”¹⁶.

No quinto capítulo, “O advogado e o historiador. A história como mestra da vida”, são reunidos textos de Cícero, Dionísio de Halicarnasso, Quintiliano, Plínio o Jovem, Salústio e de Plutarco. O glossário estabelecido por Hartog discute as seguintes noções: *Anais*: “a história não é mais que ‘a redação de anais’”, passagem escrita por Cícero que marca o “começo da historiografia romana”¹⁷; *Orator*: “para Cícero, a história, para ser verdadeiramente escrita, para não ser simples *narratio*, necessita do orador”¹⁸; *Historia magistra vitae*: fórmula sintetizada por Cícero que atravessará os séculos, a idéia de que a história é fornecedora de exemplos é-lhe, no entanto, anterior; *Gloria*: que para os autores latinos fazia brilhar seu objeto e também sua própria reputação, mas que para Plutarco era apenas emprestada pelos historiadores aos homens de ação¹⁹; e, por último, *Bioi/vidas*, referências a um dos conceitos norteadores de as *Vidas Paralelas de Plutarco*²⁰.

“Roma, grandeza exemplar do passado”, temática do sexto capítulo, tem por objetivo mostrar que apesar de a escrita da história manter-se ainda no domínio da *historia magistra*, ela perde o otimismo em relação ao presente e cede espaço ao pessimismo: “a história serve [então] para reencontrar a glória que foi o passado”, explica Hartog²¹. Os textos dessa parte são de autoria, mais uma vez, de Dionísio de Halicarnasso, sobre as origens de Roma, de Tito Lívio e de Tácito.

⁸ HARTOG, François (org). *A história de Homero a Santo Agostinho*, idem, p. 50.

⁹ Idem, p. 51.

¹⁰ Idem, p. 52.

¹¹ Idem, p. 53.

¹² Idem, p. 98.

¹³ Idem, p. 11.

¹⁴ HARTOG, François (org). *A história de Homero a Santo Agostinho*, idem, p. 107.

¹⁵ Idem, p. 139.

¹⁶ Idem, p. 137.

¹⁷ Idem, p. 180.

¹⁸ Idem, p. 181.

¹⁹ Idem, p. 184.

²⁰ Idem, p. 185.

²¹ Idem, p. 187.

O sétimo e último capítulo, “O historiador enquanto tal”, é dedicado inteiramente a Luciano de Samósata, também um dos responsáveis pela “transmissão do retrato de Tucídides como modelo do historiador”²². François Hartog adiciona aos fragmentos da obra de Luciano os comentários às concepções de “o historiador/*ho syngrapheús*”, e de “os fatos/*tà érga*”²³.

Por fim, o epílogo, intitulado “A história e a historiografia vistas de alhures”, congrega três olhares, assim descritos por Hartog: o de Flávio Josefo, o judeu que aderiu a Roma em 67 e se fez historiador da história judaica antiga e contemporânea; o de Eusébio de Cesaréia, bispo do IV século, e pioneiro da história da Igreja; e, finalmente, o de Santo Agostinho, que recapitula no início do V século, a história universal em uma teologia que é, até hoje, a sustentação da visão cristã da história. O glossário da conclusão compõe-se das seguintes noções: “as antiguidades/*tà arkhaia*”; “discordância/*diaphonía* da historiografia grega”; “Josefo historiador”; “sucessão/*diadokhé*”; “florilégio”; “tábuas cronológicas”; “as duas cidade”; “Babilônia/Roma”; e por último a “*historia*”, em sua duas divisões em *historia divina*, a história sagrada, e a *historia gentium*, a história das nações ou pagã²⁴.

Aos prefácios, além dos comentários críticos, François Hartog acrescenta uma pequena notícia biográfica de cada autor, o que auxilia, em muito, o leitor a se situar e se familiarizar com eles nesta *longue durée*, reveladora de toda a complexidade e riqueza do conceito de história. Esta resenha não estaria completa sem uma nota acerca do trabalho de Jacyntho Lins Brandão, tradutor da presente obra. Com maestria e competência o professor de grego da Universidade Federal de Minas Gerais, contorna as dificuldades que o gesto de traduzir necessariamente implica (tal como já fizera na tradução de o *Espelho de Heródoto*, obra fundamental de François Hartog²⁵), e nos oferece um texto *claro e distinto*.

²² HARTOG, François (org). *A história de Homero a Santo Agostinho*, idem, p. 223.

²³ Idem, pp. 234-235.

²⁴ Idem, pp. 264-271.

²⁵ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. Tradução de Jacyntho Lins Brandão.